



Roma. 1.5.2025 – Festa de São José Operário

Estimados Confrades,

### IR MAIS ALÉM

O Conselho Geral, depois de ter escrito duas cartas, uma sobre a economia e a outra sobre a formação no nosso Instituto, decidiu escrever também uma carta sobre a missão. Esta tem como objectivo ajudar-nos a reflectir sobre as actuais luzes e sombras da nossa atividade missionária, depois do 19º Capítulo Geral.

Realizar a missão evangelizadora da Igreja – segundo o carisma de São Daniel Comboni – é o objectivo do Instituto dos Missionários Combonianos do Coração de Jesus (RV 13). Estamos gratos ao Senhor pelos numerosos sinais de graça apostólica que experimentámos nestes últimos três anos. Por exemplo, o testemunho de tantos missionários dispostos a dar a vida pelo Evangelho, tantas vezes em situações bem difíceis, entre os povos mais abandonados e nos novos contextos humanos a evangelizar; ou o fazer causa comum com os diversos povos que sofrem por causa da guerra, da injustiça e da opressão. O mesmo se diga sobre a abertura do Instituto aos sinais dos tempos, à luz do Evangelho e do Magistério da Igreja, que nos convida a ir ao encontro das pessoas migrantes, dos povos indígenas e afrodescendentes, para responder ao seu grito e ao grito da Terra, por exemplo, através dos vários centros, inspirados na encíclica *Laudato si'*, que estão a surgir em algumas circunscrições. Sentimos que a graça de Deus actua, através de nós, quando experimentamos que a Igreja local nos chama e nos corresponsabiliza, como é o caso, por exemplo, da nomeação de bispos combonianos ou do apreço que nos manifestam as pessoas com quem trabalhamos. Reconhecemos o serviço de sensibilização missionária dos meios de comunicação social combonianos, sempre diligentes na produção de uma informação profética, na procura da verdade da nossa comum humanidade e filiação, no testemunho do amor de Deus por toda a humanidade e pela Criação, e na animação do povo de Deus em vista da promoção do Reino.

Hoje, mais do que nunca, estes sinais de graça – e tantos outros que, aqui, não foram mencionados – fazem-nos evocar o convite do Espírito Santo, através das palavras do Papa Francisco dirigidas aos participantes ao 19º Capítulo Geral:

*Este é um lema que deve “fazer rumor” nos vossos corações: ir mais além, mais além, olhando sempre para o horizonte, porque há sempre um horizonte, para ir mais além. É o impulso do Espírito Santo que nos faz sair de nós mesmos, dos nossos fechamentos, da nossa autorreferencialidade, e que nos faz ir ao encontro dos outros, rumo às periferias, onde a sede do Evangelho é maior. (...) Vai, vai, vai! Vai rumo ao horizonte, e que o Senhor te acompanhe.*

O 19º Capítulo respondeu a este convite formulando um sonho, que foi expresso com as seguintes palavras:

*Sonhamos um estilo missionário mais inserido na realidade dos povos que acompanhamos rumo ao Reino, capaz de responder ao grito da Terra e dos empobrecidos. Um estilo missionário que se caracteriza também por estilos de vida e*

*estruturas mais simples, no seio de comunidades interculturais onde testemunhamos a fraternidade, a comunhão, a amizade social e o serviço às Igrejas locais através de pastorais específicas, colaboração ministerial e percursos partilhados. (AC 2022, 28)*

Para realizar este sonho, é preciso **recolocar a missão no centro**, em relação às várias dimensões da vida do Instituto. A dimensão económica, em particular a sustentabilidade, deve ser vista em função da procura de modelos de presença e de ministério missionário, de estilos de vida capazes de criar proximidade, compaixão e ternura para com os povos que acompanhamos. De facto, as nossas estruturas e os modelos de sustentação do nosso serviço missionário influenciam a nossa relação com as pessoas e com a Igreja local. Recorde-se que uma preocupação obsessiva com o nosso sustento material acabaria por desviar a nossa atenção e as nossas energias do serviço à evangelização. Aliás, é precisamente a necessidade material que constitui uma oportunidade para nos envolvermos a um nível mais profundo no desafio da evangelização da economia global.

A vida fraterna em comunidade, através do testemunho da convivialidade das diferenças, é fundamental para um anúncio credível de Jesus Cristo, para um testemunho autenticamente evangélico, que o Papa Francisco nos recordou – durante o 19º Capítulo –, que realizamos não “tanto como missionários individuais, mas como comunidade, o que implica que se cuide não só do estilo pessoal, mas também do estilo comunitário”. Assim, a abordagem ministerial, através de pastorais específicas, colaboração e sinodalidade, torna-se essencial para a requalificação do nosso serviço missionário.

Do mesmo modo, a questão da reunificação de circunscrições deve ser entendida à luz da abordagem ministerial: não se trata de um trivial alargamento geográfico das circunscrições, mas de uma abordagem que vise dar maior peso às prioridades continentais e às pastorais específicas, com comunidades mais consistentes, mirando a uma maior capacidade de diálogo, confronto, investigação, intercâmbio e colaboração.

Recolocar a missão no centro exige também um contributo significativo da formação, quer permanente quer inicial, para estimular e alimentar a reflexão e o estudo sobre a missão, seguindo as pegadas de Comboni, e para desenvolver as pastorais específicas e dar resposta aos sinais dos tempos. Constatamos que a formação à ministerialidade necessita de maior atenção e apoio, enquanto ponto crucial no caminho de requalificação.

Voltar a colocar a missão no centro, por mais óbvio que possa parecer, não é um compromisso módico, porque isto exige de cada um de nós uma profunda conversão. Como nos recorda a *Evangelii gaudium*, ir mais além significa superar a tentação da autopreservação (EG 27), a comodidade dos privilégios, e uma pastoral ordinária de matriz clerical. Uma Igreja em saída está chamada a ir mais além dos padrões estabelecidos, com uma abordagem missionária, ministerial e sinodal. Por outras palavras,

*A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: “fez-se sempre assim”. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objectivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. (EG 33)*

Todavia, notamos que, em vários contextos, por vezes até de formação, **está a emergir uma tendência clerical preocupante**. Por exemplo, verificamos uma concentração da nossa presença em

paróquias tradicionais, seguindo um modelo de pastoral ordinária mais ligada ao passado do que aos actuais desafios missionários e à pastoral social, segundo o carisma comboniano. Deste modo, reduz-se também o papel e o espaço dos Irmãos combonianos. Este tipo de orientação contribui para outros aspectos problemáticos, tais como:

- = A fraca resposta às directrizes e empenhos capitulares sobre a missão – por exemplo, o assumir a Ecologia Integral como eixo fundamental da nossa missão (AC 2022, 30), ou o compromisso de aderir à Plataforma de Iniciativas *Laudato si'* a todos os níveis do Instituto (AC 2022, 30.1);
- = a desproporção entre os compromissos assumidos e as forças humanas disponíveis, limitando o investimento de pessoal e a sua preparação, segundo as prioridades continentais e as relativas pastorais específicas;
- = a tendência a não querer repartir, a perder o entusiasmo pela missão *ad extra*.

Assim, por um lado, estamos chamados a **fazer um discernimento** em todas as circunscrições e a ir mais além do costume de acrescentar novos compromissos aos anteriores, sem a coragem de fazer escolhas, que podem ser dolorosas, mas que, se reflectirem a vontade de Deus, se revelam também generativas. Por outro lado, estamos convidados a investir mais confrades da circunscrição nas pastorais específicas, de acordo com as prioridades continentais. O caminho de requalificação passa por estes dois pontos de referência.

Assim sendo, solicitamos ao Secretariado-Geral da Missão que faça um estudo de modo a poder-se documentar a situação real das pastorais específicas no terreno. Temos necessidade de conhecer, quantitativa e qualitativamente, qual é a situação dos nossos compromissos, como Instituto, em relação a estas pastorais específicas, para depois ir ainda mais longe, através de percursos partilhados de estudo e reflexão.

Recolocar a missão no centro significa, também, confrontar-se com o tema da **superação da “colonialidade”**, isto é, daquela condição do mundo moderno, construído sobre hierarquias raciais, económicas e culturais, criadas na época colonial e ainda hoje vigentes. São Daniel Comboni antecipou este pensamento crítico: no século em que o colonialismo europeu pensava em levar a “civilização” à África, Comboni dedicava-se à regeneração da África com a África, para construir juntos a civilização do amor. O magistério de Papa Francisco insistiu muito neste ponto com a imagem do poliedro: *O modelo é o poliedro, que reflecte a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a acção pastoral como a acção política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projectos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos.* (EG 236).

Esta visão só pode ser compreendida se tivermos presente a dimensão escatológica da missão, que só estará completa no fim dos tempos. Tal como nos recorda *Dilixit nos*, quando se pede a Jesus Cristo que, *do seu Coração santo brotem rios de água viva para curar as feridas que nos infligimos, para reforçar a nossa capacidade de amar e servir, para nos impulsionar a fim de aprendermos a caminhar juntos em direcção a um mundo justo, solidário e fraterno. Isto até que, com alegria, celebremos unidos o banquete do Reino celeste. Aí estará Cristo ressuscitado, harmonizando todas as nossas diferenças com a luz que brota incessantemente do seu Coração aberto.* (DN 220).

Por conseguinte, ir além da “colonialidade” significa, do ponto de vista da evangelização, desenvolver o carácter de **diálogo profético** no ministério missionário comboniano e promover a **inculturação** do Evangelho (EG 68-70; 116-126).

Em síntese, é já desde o 18º Capítulo Geral (2015) que fizemos nosso o sonho de Papa Francisco, ou seja, sonhamos com “*uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à autopreservação*” (EG 27). E isto significa que “*a pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: «fez-se sempre assim»*” (EG 33).

Para concluir, gostaríamos de retomar o convite que a *Evangelii gaudium* nos faz para sermos “*ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objectivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades*” (EG 33) e, sobretudo, para nos deixarmos plasmar pela paixão da evangelização, em saída rumo às periferias geográficas e existenciais.



O Conselho Geral